

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN INICIAL E INFANCIA

Qualidade social da educação e gestão da educação infantil

Patrícia Maria Uchoa Simões¹
Juceli Bengert²

¹ FUNDAJ / patricia.simoese@fundaj.gov.br

² Lima / FUNDAJ / juceli.bengert@fundaj.gov.br

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre qualidade do ensino tem assumido grande relevância no cenário educacional nas duas últimas décadas, em muitos países. Esse tema vem sendo objeto de estudos e pesquisas, ocupando as manchetes da mídia em geral, direcionando ações de políticas e programas educacionais, e, enfim, localizando-se no centro do debate educacional.

No Brasil, o crescimento do número de matrículas em todas as etapas do ensino³, atingindo quase a universalização no ensino fundamental⁴ (até 2009, o ensino obrigatório era o ensino fundamental), deslocou o foco das preocupações da ampliação do acesso à educação para a discussão sobre a qualidade da educação. Essa temática passa, assim, a ser motivo e justificativa para mudanças na legislação e para criação de vários programas de ações do Ministério da Educação. Apesar das metas para a universalização do ensino (principalmente na Educação Infantil e no Ensino Médio) ainda não terem sido alcançadas⁵, à defesa do direito do acesso à educação alia-se a defesa do direito à educação de qualidade para todos.

Tanto nos documentos oficiais, como nos estudos acadêmicos e no discurso social, a qualidade do ensino é entendida como direito do cidadão e faz parte das bandeiras de luta por uma sociedade mais justa e humana. Dessa forma, a discussão sobre qualidade na educação passa pela discussão da cidadania, da equidade de oportunidades e do respeito à diversidade.

Os autores que abordam a temática ressaltam sua natureza polissêmica e sua inserção nas questões relativas a todas as áreas do debate educacional, como formação e prática docente, gestão escolar e educacional, currículo e políticas públicas. Sua compreensão, portanto, precisa inserir-se na compreensão mais ampla de todas essas áreas.

Trata-se, também, de uma temática que envolve diferentes atores: entre pais, alunos, profissionais de educação, gestores, políticos, organismos internacionais, além de valores, princípios, expectativas e diferenças culturais. Dessa forma, a construção do conceito de qualidade é sócio-histórica, determinada por diferentes fatores, num tempo e espaço social.

A discussão sobre a concepção de qualidade traz para a cena principal também a discussão da avaliação da qualidade. As dificuldades para a formulação do conceito estão na raiz das dificuldades entre os gestores da educação em definir sistemas de avaliação que contemplem a complexidade do tema.

Para tanto, foram propostos diferentes instrumentos e medidas que avaliam aspectos da qualidade, na tentativa de construção de um quadro de análise da(s) realidade(s)

³ No Brasil, “a educação escolar compõe-se de: I . educação básica formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II . educação superior.” (Brasil, 1996, título V, cap. I, art. 21, incisos I e II).

⁴ Em 2008, a taxa de escolarização nas faixas etárias de 7 a 14 anos era de 97,8% (PNAD).

⁵ Em 2008, o atendimento à faixa etária que corresponde à Pré-Escola, dos quatro aos seis anos de idade, era de 83,3%. Entre os jovens de 15 a 17, que corresponde a faixa etária do Ensino Médio, a taxa de atendimento em 2008 foi de 81,3% (PNAD).

das salas de aula, das escolas, dos sistemas municipais, estaduais, e nacional das várias etapas de ensino⁶.

De forma geral, os sistemas de avaliação da qualidade consideram o percentual de atendimento de determinada faixa etária, o fluxo escolar e o aproveitamento escolar. Esses aspectos são considerados separadamente ou em combinação pelos sistemas de avaliação na história da educação no Brasil (OLIVEIRA & ARAUJO, 2005).

Alguns autores analisam criticamente essas tentativas de avaliação apontando limitações e reducionismo a alguns aspectos e dimensões da qualidade e desprezo por outros, inadequação nas formas de interpretação e a utilização dos resultados com formato de classificação ordinal dos sistemas escolares, em ranking (CABRITO, 2009; FONSECA, 2009; MACHADO, 2007; VIANNA, 2005). Assim, essas críticas focalizam o conteúdo das avaliações, a forma de correção e análise e a utilização dos resultados.

Uma forte posição entre os estudiosos do tema assinala que apesar dos pressupostos dos sistemas de avaliação no Brasil incluírem a avaliação da política pública e não da escola em si, não é nessa direção que os resultados estão sendo apresentados. Aliado a isso, acredita-se que as informações disponíveis nas bases de dados de avaliação governamentais não representam a posição da escola na vida real, uma vez que avaliações de desempenho ao final do ano não permitem saber qual escola está ensinando mais. Para esse tipo de avaliação dever-se-ia incluir uma comparação com a medida do desempenho do início do ano. Além do fato de que a melhoria na média do desempenho dos alunos não é um bom indicador de aumento de qualidade do sistema educativo, pois essa melhoria pode ser obtida com o distanciamento de alguns alunos acima da média (VIANNA, 2005)

O presente estudo reflete sobre as concepções de qualidade na Educação Infantil, trazendo para o debate as concepções de gestores de instituições municipais. Pretende-se discutir esse conceito e em que ele pode contribuir para uma melhoria para essa etapa de ensino.

⁶ No Brasil, em 1988, foi instituído o Sistema Nacional de Avaliação das Escolas Públicas que, a partir de 1990, passou a ser chamado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Esse Sistema, com o objetivo de verificar o desempenho dos alunos de 1º e 2º graus, realizou em 1995 um teste de Português e Matemática em todos os estados do País e no Distrito Federal, com os alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e 2ª e 3ª séries do ensino médio para escolas da rede pública e privada. Desde então, segundo os documentos oficiais do MEC, o sistema vêm se aprimorando na metodologia, procedimentos e abrangência. A Prova Brasil foi criada em 2005 para complementar o SAEB, avaliando todas as escolas públicas localizadas em área urbana com mais de 20 alunos na série. Por ser universal, tenta expandir o alcance dos resultados oferecidos pelo SAEB, que sendo amostral, oferecia resultados de desempenho apenas para o Brasil, Regiões e Unidades da Federação. A Prova Brasil fornece as médias de desempenho também para cada um dos municípios e escolas participantes. Em 2007, foi proposta a proposição pelo INEP da *Provinha Brasil*, que focaliza a Educação Infantil, uma vez que coletará dados referentes à aprendizagem de alunos que acabaram de passar por essa etapa do ensino. Em 2007, foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino, considerando os dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e as médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Saeb e a Prova Brasil.

1.1 QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, em 2009, o Ministério de Educação publicou *Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil* (MEC, 2009), no sentido de oferecer às equipes de educadores e às comunidades atendidas pelas instituições de educação infantil mais um instrumento de planejamento, a partir da avaliação do trabalho desenvolvido na escola. O documento propõe a definição de sete dimensões para serem consideradas na análise da qualidade de uma instituição de educação infantil:

- a) planejamento institucional - conhecimento e participação na elaboração da proposta pedagógica, partindo da realidade da comunidade e com a apresentação dos objetivos que se quer atingir e os meios necessários para tanto;
- b) multiplicidade de experiências e linguagens - rotinas e práticas que favoreçam a ampliação das diversas formas de expressão e relação com o meio natural e social;
- c) interações – respeito à criança, seu ritmo, identidade, desejos, idéias e produções;
- d) promoção da saúde – prevenção de acidentes, cuidados com a higiene e alimentação;
- e) espaços, materiais e mobiliários – espaços e mobiliários que favoreçam as necessidades de desenvolvimento das crianças e interesses e necessidades dos adultos;
- g) formação e condições de trabalho das professoras e demais profissionais – qualificação profissional, salário digno e condições de trabalho adequadas;
- h) cooperação e troca com as famílias e participação na rede de proteção social.

Para cada uma dessas dimensões, são propostos indicadores que auxiliam na avaliação da instituição. Cada indicador é avaliado após um grupo formado por pessoas da comunidade escolar responder a uma série de perguntas. Essas respostas permitem a avaliação do que se refere àquele indicador.

Subsidiando essa discussão, muitos estudos também vêm apontando fatores e indicadores de qualidade na educação infantil e investigando a presença desses fatores no cotidiano das instituições. Esses fatores envolvem desenvolvimento integral da criança, participação dos pais, gestão escolar democrática, adequação da infraestrutura e dos recursos didáticos, prática e formação docente (CAMPOS, FÜLLGRAF & WIGGERS, 2006; CORRÊA, 2003; LIMA & BHERING, 2006; OLIVEIRA & COLABORADORES, 2003).

Campos, Füllgraf & Wiggers (2006) realizaram um levantamento das pesquisas empíricas acerca da qualidade da educação nas instituições de educação infantil brasileiras, divulgadas entre 1996 e 2003, em periódicos brasileiros e trabalhos apresentados na Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no Grupo de Trabalho Educação da Criança de zero a seis anos. A análise dos dados foi organizada a partir de aspectos relacionados à qualidade da educação infantil: formação dos professores; propostas pedagógicas; condições de funcionamento; práticas educativas e relação com as famílias. Em suas conclusões, as autoras apontam para a distância entre as metas legais presentes nos documentos oficiais do MEC e a situação vivida pela maioria de crianças e adultos no cotidiano das instituições de educação infantil.

Corrêa (2003) discutiu a temática da qualidade na educação infantil, tomando como fundamento principal a idéia de direitos da criança. A autora discute três aspectos referentes ao atendimento público na educação infantil: a relação entre oferta e procura, a razão adulto/criança e a dimensão de cuidado no trabalho a ser realizado nessa etapa da educação. Partindo do princípio de que a educação infantil é direito de toda criança, a autora considera que a capacidade de atendimento dos sistemas públicos diante da demanda existente seria a dimensão quantitativa da qualidade na educação infantil. Assim, alerta para a centralização do debate na questão da qualidade como algo isolado, que reafirma as políticas de exclusão, pois, em vez de centros de excelência para alguns privilegiados, é necessário garantir a democratização do acesso à educação infantil. Quanto ao segundo aspecto analisado, apesar dos documentos oficiais estabelecerem como um dos critérios de qualidade uma razão adulto/criança que privilegie pequenos agrupamentos, não são oferecidas condições objetivas para que se cumpram essas recomendações. A importância da razão adulto/criança está relacionada com as condições necessárias para que todas as crianças sejam ouvidas e respeitadas em todos os seus direitos e com as condições de trabalho dos profissionais que atuam na área. A terceira dimensão considera os direitos de proteção, afeto e amizade, a expressão dos próprios sentimentos, o desenvolvimento da criatividade e da imaginação por parte da criança. Nesse sentido, a autora discute as concepções de cuidar e educar. Por um lado, quanto ao trabalho nas creches, alerta para que não deva ser caracterizado apenas como o atendimento a necessidades de saúde, alimentação e segurança e, por outro, que o trabalho nas pré-escolas não se configure apenas como uma “escolarização”. A educação infantil tem, assim, suas peculiaridades enquanto etapa de ensino que deve conjugar o cuidar e o educar na sua prática pedagógica.

O presente estudo discute dados empíricos do interior da escola, com o objetivo de analisar o conteúdo das falas de gestoras escolares quanto ao que concebem por qualidade na educação infantil.

2. METODOLOGIA

O presente estudo faz parte de um estudo maior que investiga concepções e práticas da educação infantil em municípios de Pernambuco. Para os fins dessa pesquisa foram utilizados dados de entrevistas de 34 gestoras de instituições de educação infantil em seis municípios de Pernambuco: Olinda, Jaboatão, Carpina, Garanhuns, Vitória e Escada. Foi considerado que a quantidade de participantes da amostra é expressiva para proceder a análise dos dados, devido à natureza da metodologia adotada e por não se pretender qualquer generalização dos resultados para outras populações.

As entrevistas foram semi-estruturadas, realizadas na própria instituição, a partir de um roteiro. Foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise, foram consideradas as respostas à questão sobre a concepção das gestoras sobre qualidade na educação infantil. A análise foi organizada nos eixos temáticos indicados pelas gestoras como fatores envolvidos na qualidade: a criança e seu desenvolvimento, a participação dos pais e da família, a prática e a formação docente, a gestão escolar, a infra-estrutura e os recursos pedagógicos.

3.1 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO

Quase metade das gestoras entrevistadas fez referência à criança e ao seu desenvolvimento como indicadores de qualidade para a educação infantil. Algumas mencionaram as atividades desenvolvidas e os conteúdos a serem aprendidos nessa etapa do ensino.

Qualidade na educação infantil? Eu acho que é você conseguir desenvolver determinadas atividades no nível das crianças da educação infantil e você alcançar seus objetivos.... É você ver o aluno crescer, produzir, criar.

O horário integral. Para que a gente formasse mesmo essas criaturas, por que tudo o que a gente passa desde a manhã até o meio-dia, quando chega em casa...(...) Mas se eles passassem o dia todo na escola... a gente daria enquanto formação pedagógica pela manhã, e a tarde a gente daria também, mas de formas de mais brincadeira, mais jogos, mais trabalhando com o corpinho. Por que tudo você sabe que tem que ter o acompanhamento e o pedagógico, não é. E com o integral, com o dia integral a gente já faria isso. Uma piscina, um banho, o desenvolver do corpinho todinho, danças, não é, tentar colocar na escola o balé

Há também referência ao processo ensino/aprendizagem como etapa preparatória para o ensino fundamental. Para elas, a educação infantil é a base a partir da qual o desenvolvimento escolar vai acontecer.

Qualidade na educação infantil, para mim é, além de ver a satisfação das próprias crianças, de gostarem de vir para escola; é eles ingressarem no ensino fundamental já, digamos assim, preparados para o ensino fundamental.

Também foi registrado em aprender e o desenvolvimento de atividades lúdicas como meio para se atingir os objetivos da educação infantil.

Na educação infantil, qualidade é que a criança aprenda com lazer, aprenda com brinquedos - que a gente tem poucos, mas que dá para fazer, não é?

A capacidade da escola de inclusão de crianças com dificuldades é citada como indicador de qualidade.

Qualidade para educação é a gente poder acolher qualquer aluno e conseguir que esse aluno atinja um nível de desenvolvimento satisfatório, qualquer aluno independente de... Qualidade, eu acho que é isso, sabe: a gente conseguir trabalhar, trabalhar bem, trabalhar, produzir, fazer com que aquele aluno, assim... que ele goste da escola, com que ele goste do que ele está fazendo, com que ele consiga ter condições de se desenvolver...

3.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E DA FAMÍLIA

Nas entrevistas, foi destacada a importância da presença da família na escola e do apoio que necessitam para o aprendizado e desenvolvimento da criança.

Qualidade na educação infantil é você ter a presença da família, a responsabilidade nossa e o desenvolver do dia a dia. Porque a gente tem que trabalhar socialização e que a gente encontra ainda certos entraves na socialização deles, porque às vezes os próprios pais interferem no trabalho da escola.

Essa escola, o bom dessa escola é que a gente tem uma relação muito próxima com os pais, os professores, coordenação e direção. E a gente é de esperar no portão, dá bom dia, dá boa tarde, a gente dá os recados no portão, o pai entra, pede licença, vai na sala, fala com o professor...

A desestruturação familiar foi destacada como dificuldade para o processo de ensino e aprendizagem e para a construção de uma educação de qualidade. Nesse sentido, foram mencionadas as dificuldades de participação dos pais como resultado das condições sócio-econômicas,

Virando pro outro lado, o pai que só faz matrícula e deixa o aluno lá por conta de quem vai buscar. Então, às vezes, o menino tem piolho, o menino tem uma escabiose e uma sarda e a gente quer um adulto para falar e não tem, entendeu? Termina mandando chamar, ela não gosta e tal. (...) E pais que bebem um pouquinho e chegam lá com aquele bafo, não é? (...) Isso dificulta muito a educação infantil e outra coisa que eu bato ainda na tecla que dificulta mais ainda: é o que o aluno traz de casa, é a convivência do pai e a mãe, dificulta muito.

Foi destacada a escola em tempo integral como fator de qualidade que minimizaria a ausência e os limites de atendimento da família.

É tempo integral. Para mim é tempo integral com qualidade. Não é colocando a criança aqui e deixando. Eu acho que tempo integral não apenas deva, mas dá possibilidade de mães estarem desempregadas e a gente ter essas mães (...) essas famílias aqui representadas, sabe?! Assim, de uma forma, algum curso de profissionalizante com eles, sabe?

3.3 A PRÁTICA E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A temática relacionada ao professor esteve presente em cerca de metade das entrevistas. Entre essas, algumas destacaram as condições de trabalho e salariais como fatores de qualidade para o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Porque qualidade, o que eu acho, é um profissional bom, um profissional tem que ter capacidades boas, não é isso? Ser bem remunerado. Trabalhar num ambiente que dê uma... como se diz... Que ele se sinta bem no trabalho...

No meu ver, qualidade na educação infantil é a gente poder proporcionar ao aluno tudo o que realmente necessário para poder o professor desenvolver um bom trabalho naquele ano com aqueles meninos. (...) É esse tudo financeiramente, pedagogicamente, estruturalmente, fisicamente (...) Parte pedagógica, estrutura, valorização do professor, do aluno

A necessidade de formação e qualificação específica para o profissional de educação infantil foi mencionada como fator de qualidade.

Qualidade na educação infantil... Eu acho o seguinte: professores bem qualificados, bem formados para a coisa é o primeiro ponto. A educação infantil... ela tem suas especificidades, ela é diferente das demais. A criança ela... o pequeninho... não é a hora do papel, do lápis, do quadro, sabe? É muito mais o fantasiar, é muito mais o aprender pela história, pela música, pelo corpo, pela dança. É muito mais isso. (...) E assim, falta professor qualificado, formação do professor para que a gente tenha uma qualidade maior em educação infantil

A dedicação e o compromisso dos professores também foram destacados como importantes para o desenvolvimento do trabalho, como facilitadores da interação com as crianças e com as famílias.

A gente tivesse para oferecer para essas crianças, principalmente porque elas são carentes demais de pais, carentes de amor, carentes de tudo. Num é só o financeiro não. Queria que viessem mais professores dedicados.

Porque assim, tem se colocado muito que o aluno que é carente, que é carente do ponto de vista físico, o aluno que carente do ponto de vista da família, afetivo. E aí assim, pensar em qualidade já é pensar nisso: é ter um bom profissional que ame o que faça. (...) Se você não tem amor você pode ser maravilhoso, mas se você não gosta do que faz você realmente não vai a lugar nenhum.

3.4 INFRAESTRUTURA E RECURSOS DIDÁTICOS

Essa temática foi citada por cerca de um terço das gestoras. Em suas falas, se referiram ao espaço físico de forma geral e à adequação do mobiliário.

Primeiro assim, um espaço adequado, que toda escola tivesse. (...) Mas assim, que tivesse mais salas, mais acesso, que tivesse mais salas disponíveis (...) As duas salas têm mobiliário adequado, o CEI também investiu muito nisso, ela trocou o mobiliário. (...) A salinha é toda enfeitada, é um mimo.

Então assim, é preciso espaço, mas para uma sala de pré ter qualidade ela precisa também ser uma limpa, ampla, equipada. Eu preciso deitar com esse menino no chão, brincar com ele e

isso não dá para fazer, não é? Isso não dá para fazer pelas próprias dificuldades de uma escola pública. Do piso de cimento, do piso muito empoeirado, da falta de muita coisa, da falta de pessoal para fazer essa limpeza, certo? (...) Precisa de muita coisa: Precisa ser ampla, limpa e bem equipada, no caso das cadeirinhas, das mesinhas, dos brinquedos e dos jogos, certo? Acho que basicamente isso. A intenção a gente tem, a gente só não tem os equipamentos.

Os recursos didáticos foram mencionados por poucas gestoras. Em suas falas, a ênfase está na queixa quanto à falta de material tanto quantitativa como em variedade.

Olhe, na educação infantil eu acho muita falha, porque na educação infantil eles eram para ter muito material didático para trabalhar, uma estrutura boa, como a gente vê por aí, nas escolas particulares. Mas infelizmente nas escolas públicas eu não vejo isso.

Os recursos didáticos não têm tanto. Em questão de folhas, essas coisas têm, mas em questão de jogos, agora é que vão ser comprados os jogos didáticos. (...) É um dinheiro que vem, e colocamos jogos dependendo da faixa etária dos alunos e o professor da educação infantil também estava e também citou jogos de encaixes.

3.5 GESTÃO ESCOLAR

Poucas gestoras mencionaram a temática da gestão escolar. Nas falas, há referência a necessidades de apoio para o trabalho de gestão: oferta de formação específica para a gestão e aumento da equipe de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desses resultados converge para os resultados de estudos anteriores que apontam para a multidimensionalidade do conceito de qualidade. Nesse sentido, os dados empíricos coletados nessa investigação reafirmam trabalhos acadêmicos sobre essa temática e documentos oficiais que orientam os sistemas de ensino.

Os elementos do conceito de qualidade identificados nas falas das gestoras nesse estudo apontam para o caráter inacabado da construção desse conceito. Trata-se de um conceito em construção que se inscreve e reinscreve num contexto histórico e social.

Esse caráter inacabado do conceito se revela nas falas que buscam definir a qualidade naquilo que está ausente na escola. A qualidade é definida enquanto ideal de qualidade, enquanto busca da própria qualidade.

Essas características do conceito de qualidade explicam a dificuldade em tratar do tema, por um lado, pela sua multidimensionalidade e, por outro, pela sua incompletude. Parece um conceito que implica um movimento, uma busca de síntese, que se transformará em tese e antítese, para a busca de novas sínteses.

Pretende-se que os dados apresentados e sua análise ofereçam elementos para uma melhor compreensão da qualidade na educação infantil e alimente essa cadeia de idéias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. COEDI. *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil*. Brasília, 2009.

CABRITO, B.G. Avaliar a qualidade em educação: avaliar o quê? Avaliar como? Avaliar para quê? *Cadernos Cedes*. Campinas, vol. 29, n. 78, p. 178-200, maio/ago. 2009.

CAMPOS, M. M.; FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Cadernos de Pesquisas*. 2006. vol.36, n.127, pp. 87-128

CORRÊA, Bianca Cristina. Considerações sobre qualidade na educação infantil. *Cadernos de Pesquisas*. 2003 no.119, pp. 85-112.

DOURADO, L.F. , OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. A qualidade da educação : conceitos e definições. Série Documental. Textos para Discussão, 2007

FONSECA, M. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. *Cadernos CEDES*. 2009, vol. 29, n.78, pp. 153-177.

LIMA, A. B. R.; BHERING, E. Um estudo sobre creches como ambiente de desenvolvimento. *Cadernos de Pesquisas*. 2006, vol.36, no.129, pp.573-596.

MACHADO, N. J. Qualidade da educação: cinco lembretes e uma lembrança. *Estudos Avançados*. 2007, vol.21, n.61, pp. 277-294.

OLIVEIRA, M. A. et al. Avaliação de ambientes educacionais infantis. *Paidéia*. Ribeirão Preto, 2003, vol.13, n.25, pp.41-58.

OLIVEIRA, R. P.; ARAUJO, G. C. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. *Revista Brasileira de Educação*. 2005, n.28, pp. 5-23.

VIANNA, H. M. *Fundamentos de um programa de avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.